

MASSACRE D



DE NYAZÓNIA



Na África Austral não há memória de um massacre de tão grandes proporções. Em pouco mais de 2 horas a tropa rodesiana massacrrou mais de 600 pessoas: velhos, mulheres e crianças. No campo de refugiados contaram-se 620 cadáveres. Este número exclui aqueles que foram assassinados no rio e no mato quando tentavam fugir. Um dos sobreviventes disse que só no rio deviam ter morrido «mais de cem».



NYAZÓNIA

Nyazónia é um campo de refugiados situado à beira do rio Nyazónia, um afluente do rio Púngue, e a cerca de 75 quilómetros a noroeste da cidade de Chimoio. De Nyazónia à fronteira em linha recta são cerca de 40 quilómetros.

Nesse campo viviam 10 000 zimbabueanos que fugiram do Zimbabue. Fugiram do Napalm, das bombas, dos massacres praticados pela tropa racista de Ian Smith, fugiram das palhotas e machambas incendiadas. Fugiram do terror fascista e racista do regime de Ian Smith, um terror particularmente feroz em toda a zona fronteiriça com Moçambique. Preferiram vir para Moçambique a ter que viver encarcerados nos campos de concentração construídos pelo regime.

Estavam no campo de Nyazónia há alguns meses, na sua maioria velhos, mulheres e crianças. Ali viviam em paz produzindo cada vez mais para não terem que continuar a receber comida das FPLM e pa-

ra poderem fornecer a alimentação de muitos combatentes zimbabueanos.

O ATAQUE

Na noite de oito para nove deste mês, cerca de uma centena de soldados rodesianos, transportados em sete carros blindados, entraram em Moçambique por Penhalonga, uma zona sem controlo fronteiriço. Durante a noite e madrugada percorreram os 70 quilómetros entre Penhalonga e Nyazónia.

Já era dia quando atingiram a ponte que atravessa o rio Púngue na estrada nacional que liga Tete a Chimoio. Aí ficaram alguns deles a guardar a ponte. Esta foi imediatamente minada e depois da retirada, horas mais tarde, fizeram-na explodir para impossibilitarem qualquer perseguição por parte das FPLM.

No campo os refugiados preparavam-se para continuar os festejos iniciados no dia anterior que assinala uma data histórica da lu-



COMUNICADO DO MINISTÉRIO DE DEFESA

FPLM COMBATERÃO O INIMIGO

«No dia 9 de Agosto de 1976, cerca da meia-noite, forças racistas rodesianas violaram as nossas fronteiras, penetrando em território nacional com o objectivo de atacar campos de refugiados Zimbabueanos e destruir alvos de carácter económico.

Compostas por efectivos altamente especializados em destruição e massacres, incluindo blindados, as forças inimigas conseguiram alcançar o campo de refugiados de Nyazonia assassinando indiscriminadamente centenas de homens, mulheres, velhos e crianças indefesos.

Os racistas destruíram depois a ponte sobre o rio Púnguè.

Face à resposta das FPLM, o inimigo viu-se obrigado a recuar após três dias de cerco e combate conseguiu retirar uma parte das suas forças, tendo sofrido baixas em homens e material.

Responsáveis superiores do Ministério da Defesa Nacional deslocaram-se aos diferentes locais relacionados com esta agressão do inimigo, bem como às zonas de combate; ali apresentaram condolências às populações agredidas e aos patriotas zimbabueanos, tendo constatado o alto grau de consciência política e elevada moral das populações e das FPLM.

As agressões de que somos vítimas confirmam uma vez mais a estratégia utilizada pela camarilha racista de Ian Smith, que pretende camuflar as suas contradições internas, estendendo a guerra para os países vizinhos.

Os racistas pensam que conseguem desta forma diminuir o peso das derrotas constantes que têm sofrido e que continuarão a sofrer no campo de batalha face ao combate libertador dos patriotas do Zimbábue.

Uma vez que Moçambique constitui uma retaguarda segura dos combatentes da Liberdade zimbabueanos, é lógico que sejamos um alvo permanente das agressões do ultra-reaccionário e racista Ian Smith, as quais confirmam a natureza cruel e criminosa do seu regime ilegal.

Esta agressão deve servir para melhor conhecermos o nosso inimigo, para elevarmos ainda mais a nossa consciência política e o espírito de vigilância activa no seio das estruturas políticas, de forma a que a defesa do nosso País seja feita de maneira cada vez mais consciente e eficaz.

As FPLM mais uma vez reafirmam a sua determinação inabalável de combater inexoravelmente o inimigo e de prosseguir o seu apoio total e incondicional à justa luta de libertação nacional do Zimbábue.

A LUTA CONTINUA!»

ta do povo zimbabweano contra o regime de Ian Smith. Centenas deles encontravam-se já reunidos para iniciar os festejos do dia quando viram os rodesianos a chegar. Passava pouco das sete horas da manhã. A princípio pensavam que eram soldados da FRELIMO. Disse um velho sobrevivente: «Vinham em carros de guerra e traziam uma farda igual à da FRELIMO. Enquanto se aproximavam cantavam e gritavam: Viva a FRELIMO! a Luta continua! O povo aproximou-se deles e as crianças saltaram para cima dos carros. Nós pensávamos que eram soldados da FRELIMO, porque traziam fardas iguais».

De cima de um dos carros um dos racistas perguntou: «Onde estão os vossos chefes?» E acrescentou: «Queremos falar com eles». Alguns dos elementos da população indicaram apontando para as casas onde viviam os responsáveis. Nesse momento começaram os disparos das metralhadoras dos soldados e das dos blindados. Primeiro dispararam contra aqueles que se encontravam mais longe dos carros e logo a seguir contra todos os outros. Os que se encontravam mais perto nem chegaram a perceber o que se estava a passar; foram imediatamente assassinados.

«Em seguida», prosseguiu o velho sobrevivente, «começaram a perseguir os que fugiam em direcção ao rio. Desceram dos carros, continuando a disparar. No caminho os carros pisavam os cadáveres e tudo o que encontravam à frente. Muita gente morreu no rio quando tentava atravessá-lo para fugir para o mato no outro lado. Os que não foram mortos pelas balas morreram afogados porque não sabiam nada».

Enquanto uns se encarregavam de disparar sobre tudo que se movesse, outros soldados rodesianos queimavam as palhotas com gente lá dentro. Muitas crianças foram queimadas vivas dessa maneira. Pegavam num grupo de crianças, metiam-nas numa palhota e pegavam fogo. Quando os jornalistas lá chegaram dezenas de corpos estavam completamente carbonizados.

O massacre durou pouco mais de duas horas. O resultado final apresentava às dimensões de uma catástrofe jamais vista no nosso país, jamais vista nesta zona do continente africano. Centenas de

cadáveres amontoados enchiam as duas valas comuns abertas pela população. Por todo o campo cadáveres e feridos. Palhotas queimadas.

Os racistas retiraram a caminho da ponte. Antes de a fazerem explodir ainda mataram dez pessoas, três técnicos de Cahora Bassa, 5 pessoas num carro que se dirigia para o Chimoio e mais duas pessoas num outro carro. Uma delas era Castro, um dos padres Burgos que trabalhava na província de Manica. Parte das tropas invasoras conseguiu abandonar o país pela área de Ruela. Uma outra parte foi cercada por elementos das FPLM, não se sabendo até à data da feitura deste artigo se algum foi capturado. Pelo menos um carro blindado foi aprisionado pelas FPLM.

O TRAIADOR

Quase todos os sobreviventes viram ou ouviram pronunciar o nome Maurice Nyati, que outrora foi comandante do exército popular de libertação do Zimbabwe. Segundo várias testemunhas foi ele que empunhou o altifalante antes de começar o ataque.

«Eu ouvi falar dele num dia em que cozinhou para os combatentes. As minhas amigas disseram-me que se encontrava ali um comandante chamado Nyati mas eu não o vi», disse uma povem sobrevivente. Um dos poucos elementos das FPLM que faziam a segurança daquela zona disse: «Ele estava com um chapéu e com o rosto um pouco disfarçado mas reconheci-o».

Muitos correram para ele gritando o seu nome».

Outros dos sobreviventes também disseram que o tinham visto.

Maurice Nyati ocupava um cargo de responsabilidade no exército popular e por isso tinha frequentes contactos com os refugiados. Conhecia bem toda a região, o que nos leva a crer que foi ele que conduziu as tropas fascistas até a Nyazonia. Por outro lado, sabe-se que já fora acusado de vários casos de indisciplina pelo que estava para ser denunciado às estruturas superiores. Foi nessa altura que desapareceu, desertando para as fileiras do inimigo.

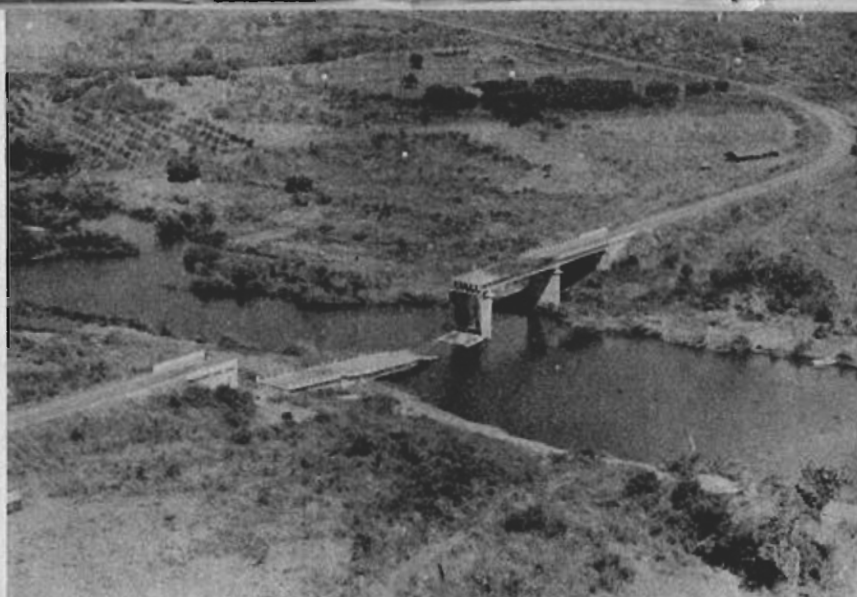
OS FASCISTAS NÃO TEM COR

Perguntamos aos sobreviventes que língua falavam os invasores. Responderam-nos dizendo que falavam Shona e inglês. As canções eram cantadas em línguas do povo zimbabweano e só as palavras de ordem eram pronunciadas em português.

No bando de assassinos havia brancos e negros. As testemunhas contactadas, disseram que alguns soldados tinham chamado a atenção porque tinham a cabeça rapada e os rostos davam a impressão de estar pintados.

Já o mesmo tinha acontecido no Mapai, quando os fascistas rodesianos tiveram que percorrer muitos quilómetros dentro de Moçambique. Os brancos pintaram-se de negro e os negros cantavam e gritavam palavras de ordem em português, sempre que as populações os viam.





Ponte sobre o rio Púngué na estrada Tete-Chimoio destruída pelas tropas fascistas de Ian Smith. Depois de dinamitarem a ponte os assassinos fugiram em direcção a Ruela. Entretanto do Chimoio partiam elementos das FPLM que cercaram parte das forças de Smith que foram obrigados a seguir para Mavonde ao pé de Pe. nhalonga. Essas tropas cercadas pediram ajuda pela rádio e do território Rodésiano levantaram voo alguns bombardeiros que vieram proteger a retirada dos soldados rodésianos bombardeando toda a área onde se encontravam as FPLM.

COMUNICADO DOS COMBATENTES DO ZIMBABWE

Nós, os combatentes da liberdade do Zimbabwe, já matamos seres humanos. Não temos prazer em matar seres humanos. Mas apontamos as nossas espingas àqueles seres humanos que pelo seu comportamento provaram ser inimigos do povo zimbabweano. Aqueles que matamos são os soldados, a polícia, os administradores distritais e seus colaboradores. Aqueles cuja profissão é matar e oprimir o povo do Zimbabwe.

Sim, nós matamos. Mas matamos os fascistas e os assassinos. A escória da terra que vive para torturar e massacrar. Não nos sentimos mal por termos morto esses seres humanos; se é que podem ser chamados seres humanos.

Por vezes matamos sem ser nossa intenção matar. Já fizemos isso e admitimo-lo. Numa guerra esses acidentes acontecem. Por vezes há inocentes que morrem sem ser a intenção dos combatentes matá-los.

Mas nunca os combatentes da liberdade do Zimbabwe atacaram ou mataram civis inocentes que não fizeram mal ao nosso povo. O nosso alvo é sempre escolhido com cuidado.

O nosso inimigo é bem diferente. O povo do Zimbabwe conhece os crimes horríveis que os racistas rodésianos têm cometido. Há quase noventa anos que o nosso povo tem sido torturado e massacrado.

Esta semana vimos aquilo que nenhum homem gosta de ver. Vimos um campo de refugiados em Moçambique com centenas de cadáveres. Os cadáveres de mulheres, crianças e velhos inocentes.

Os monstros que deram a ordem para esse massacre perderam o direito de serem chamados seres humanos. As nossas

mães e os nossos pais as nossas irmãs e os nossos filhos, foram assassinados às centenas por ordem do animal selvagem Ian Smith. O massacre de Nyazônia no princípio desta semana marca o começo de uma nova fase na luta do povo zimbabweano pela sua liberdade e independência. Ele é o começo de uma nova fase porque é a prova final de que o regime criminoso de Ian Smith está derrotado, acabado.

Não há outra explicação possível para este terrível acontecimento. O exército rodésiano não cometeria um massacre se pensasse que ainda podia sair vitorioso da guerra. Quem é que ganha com o massacre de centenas de inocentes num único ataque? Só há uma explicação possível para este crime: os racistas rodésianos sabem que estão condenados e por isso vingam-se nas únicas pessoas que conseguem assassinar: velhos, mulheres e crianças sem armas; nem sequer tinham facas com que se defender.

Não são esses velhos, mulheres e crianças em Moçambique que estão a matar os soldados racistas no Zimbabwe. Não são os velhos, mulheres e crianças que estão a destruir a economia do regime racista.

Os criminosos — Smith, Van der Byl, Cowper, Ndiweni, Chirau — todos esses assassinos que deram ordem para este terrível matança; estão já no último estado do desespero. Já não combatem uma guerra. Já entraram na loucura de um jogo cuja finalidade é assassinar o maior número possível de pessoas, não importando se estão indefesas.

Eles não conseguem matar os combatentes da liberdade. Por isso assassinam

qualquer Zimbabweano que encontram.

As pessoas que morreram na segunda-feira de manhã desta semana eram cidadãos do Zimbabwe. Tinham fugido do seu próprio país porque as suas vidas estavam a ser bombardeadas e as suas famílias forçadas a ir para campos de concentração.

Durante alguns meses viveram em paz e liberdade na República Popular de Moçambique. Hoje, mais de seiscentos desses refugiados estão mortos. A cólera racista que os atormentava no Zimbabwe, perseguiu-os até aqui e aqui os matou.

Nunca mais esqueceremos este dia. Aqueles que morreram serão vingados. Destruiremos aqueles que praticaram este acto criminoso. São eles os novos Hitleres e terão o mesmo fim que os Nazis, que eles tentam imitar. Mas para vingarmos os nossos mártires de 9 de Agosto iremos mais longe do que matar o inimigo. O seu sangue fertilizará a nossa luta. O seu sacrifício dará à Luta de Libertação Nacional um novo ímpeto não só para a guerra mas também para a construção de um Novo Zimbabwe depois da guerra.

Somos filhos dos mártires de Nyazônia. Construiremos um país que honre a sua memória. Nyazônia viverá para sempre na memória de todos os zimbabweanos.

Por esses mártires ganharemos a guerra. E ganharemos a guerra para construir um Novo Zimbabwe, livre dos massacres, livre da exploração e da opressão.

A VITÓRIA É CERTA!

(Lido aos microfones da Rádio Moçambique)

COMENTÁRIO

Acima de tudo, o massacre de Nyazónia significa que as agressões de Ian Smith contra o nosso País vão continuar. Significa que essas agressões serão cada vez mais frequentes e cada vez com maior aparato militar.

1) Meio afogado no desespero de um regime em agonia, Smith usa a tática do terror até às últimas consequências. Nos últimos meses bombardeou toda a zona fronteiriça, incendiou machambas e palhotas dentro do Zimbábue, numa tentativa de criar uma extensa zona despovoada ao longo de toda a fronteira. Sem população, não há comida. Sem comida nos locais por onde passam os guerrilheiros têm que se abastecer fora das zonas de combate. As dezenas de milhares de civis zimbabueanos que Smith põs em fuga para o nosso território significam duas coisas para ele: em primeiro lugar, espera que algumas zonas fronteiriças dentro de Moçambique fiquem congestionadas com a chegada repentina de milhares e milhares de bocas por alimentar; em segundo lugar significa a generalização do terror.

O terror não é só sofrimento. O terror é também uma tática militar usada para servir fins políticos. O fim político é a desmobilização da inesgotável fonte de apoio dos combatentes, uma fonte que se chama povo. Pelo terror Smith quer desmobilizar o povo para que este atire as culpas do seu sofrimento para cima dos guerrilheiros. Isso é claro como a água. E o povo moçambicano tem a experiência dessa tática; nos últimos anos do colonialismo em Moçambique, o exército colonial português bombardeou e massacrava sistematicamente as populações das zonas afectadas pela guerra. Foi nessa altura que surgiu a propaganda psicológica: quem ajudasse a FRELIMO estava condenado a morrer. O colonialismo pretendia desmobilizar o povo para que este não desse ajuda aos combatentes das FPLM.

Smith usa o terror como tática para essa desmobilização. Tem-no usado dentro do Zimbábue. Tem-no usado contra populações moçambicanas no Mavúé, Pafúri, Mapai e tantos outros sítios. Pequenos massacres aqui e ali como que a dizer ao povo moçambicano: «Vocês ajudam os «terroristas» que atacam a Rodésia e por isso morrem; se deixarem de os ajudar deixarão de morrer». Ele usa agora o mesmo terror contra zimbabueanos no nosso País. Vem cá dentro e ataca um alvo que os exércitos de agressão atacam quando estão no desespero e quando só lhes resta o extermínio como arma

para prolongar por mais algum tempo o seu reino: Smith ataca velhos, mulheres e crianças, isto é, gente indefesa.

E quando um regime podre entra no desespero, quando ele entra na última fase, a fase do terror generalizado, quer dizer, que vai aumentar esse terror. Sempre mais. Por isso é que dizemos que vamos continuar a ser atacados por terra e pelo ar. Quem tiver dúvidas está a cometer suicídio político.

2) A partir desta certeza surge a inevitável pergunta: quando é que é o próximo massacre, e o próximo, e o próximo?

Em Fevereiro Mavúé e Pafúri.

Em Junho Mapai.

Entre Fevereiro e Junho vários pequenos ataques e violações da nossa soberania territorial em Gaza, Manica e Tete.

Agora Nyazónia.

Mas olhemos para o sul; que vemos? Vemos a África do Sul em chamas. Soweto, Alexandra, Bophutatswana, Pretoria, Cabo, universidades, escolas e fábricas; um povo em movimento na fase preparativa da luta armada. Enquanto Smith está já na fase da agonia final, Vorster entra na agonia. E a agonia de Vorster manifestou-se de modo parecido com a de Smith: enviou a polícia e esta há dois meses que massacra indiscriminadamente. Mas não massacra só no seu País.

Olhemos para ocidente; que vemos? Vemos o exército sul-africano a usar a Namíbia como base para ataques à Zâmbia e ao sul de Angola.

Agora liguemos esses ataques à Zâmbia e Angola, os massacres da África do Sul e as agressões de Smith. Liguemos tudo isso e que concluímos? Uma acção conjunta dos poderes racistas da África Austral, tradicionais agentes do imperialismo nesta parte do continente, contra a revolução que alastra a toda a região a partir de Moçambique (oriente) e Angola (ocidente).

Mas uma acção conjunta de Vorster e Smith que conta ainda com o apoio dos imperialistas, porque estes ainda não arranjaram os substitutos seguros de Vorster e Smith. Vejamos o seguinte: não há agressão sem o consentimento, aberto e tácito, dos Estados Unidos da América. Não duvidemos: Kissinger disse a Vorster que invadisse Angola a pretexto de

uma ajuda à FNLA e UNITA. Isso foi em Setembro de 1975, depois de muitos contactos entre o embaixador sul-africano em Washington e a administração do presidente Ford. Mais tarde a ajuda militar maciça que Kissinger prometera a Vorster não chegou porque o Congresso norte-americano não autorizou essa ajuda. Os EUA tinham saído vergonhosamente derrotados do Vietname, Camboja e Laos. Uma nova aventura em África poderia significar o caos para a política externa norte-americana. A ajuda militar maciça não chegou e os sul-africanos saíram derrotados. Mas vieram os mercenários e os milhões de dólares em equipamento militar para a UNITA e a FNLA.

A mesma coisa acontece na Rodésia: mercenários e dólares. Mercenários e armas. E com um único objectivo: provocar o desequilíbrio em Moçambique.

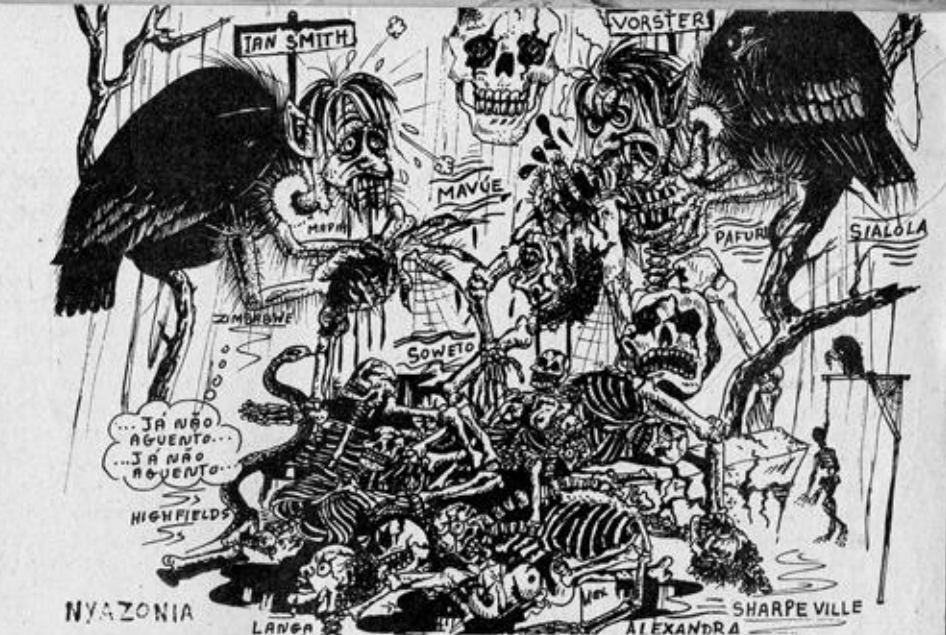
Os americanos podem dizer em discursos e escrever nos comunicados que não apoiam Smith e as agressões contra Mo-





A DIREITA:

Feridos foram transportados de helicóptero para o Chimoio onde foram tratados por médicos nacionais e estrangeiros. Algumas crianças feridas foram transportadas para Maputo. Em Chimoio não houve falta de sangue porque os operários da Textáfrica logo se prontificaram a dar do seu sangue para salvar vidas zimbabwenses.



çambique. Mas são os seus actos que contam.

E esses actos denunciam uma réstea de apoio a Smith que é usado para tentar o derrube da revolução moçambicana do mesmo modo que os sul-africanos atacam Angola para tentar derrubar o MPLA.

Portanto Ian Smith o racista desesperado, o fascista desesperado, quase imóvel entre a espada e a parede, usa o terror e a agressão como armas para o desequilíbrio aqui no nosso País. Usa o terror contra um campo de refugiados numa tentativa de virar o povo contra os combatentes.

E vai fazer tudo isso outra vez em breve.

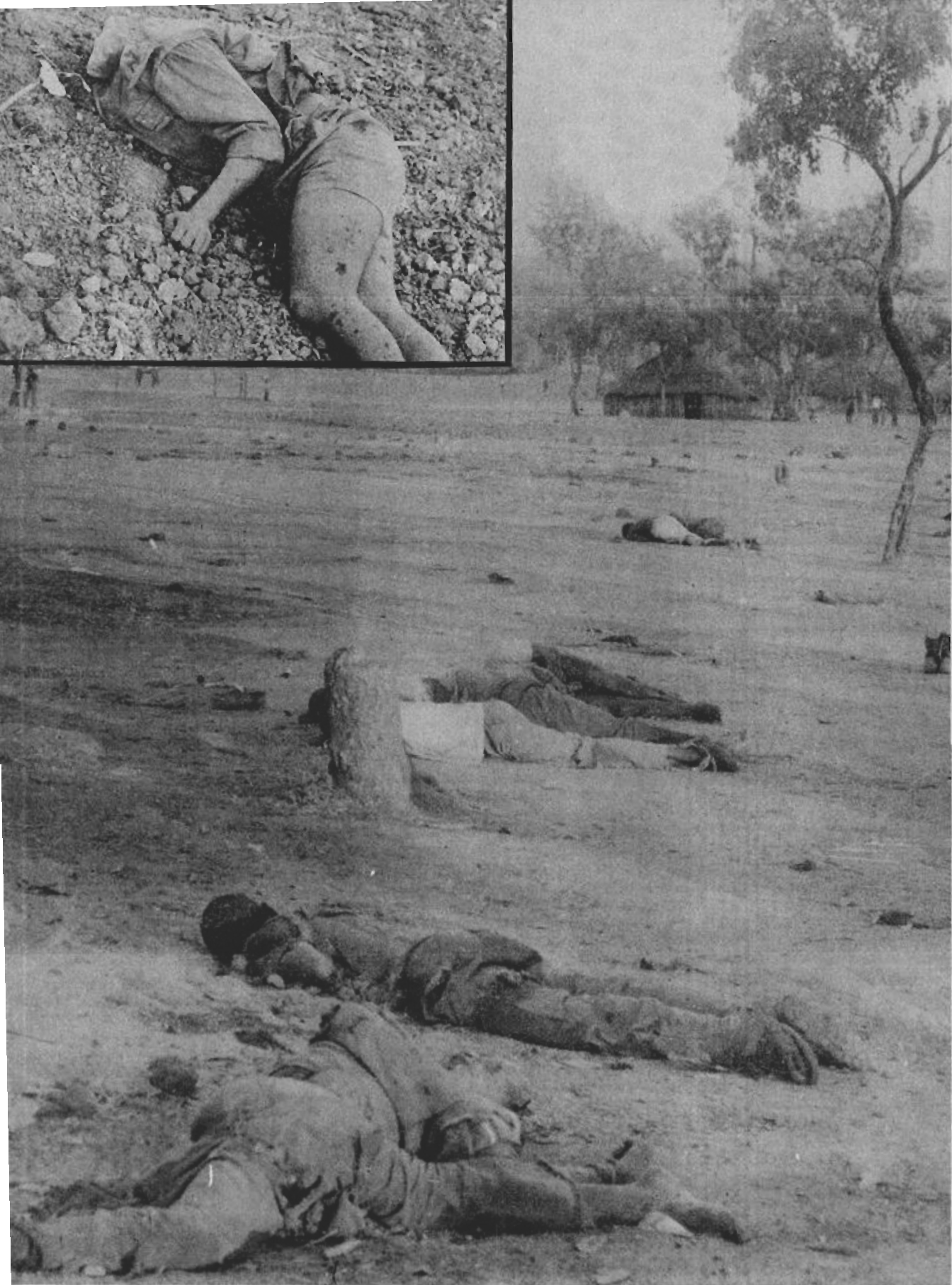
Em Outubro e Novembro os céus abrem-se e a chuva cai em toneladas. A chuva significa estradas intransitáveis que por sua vez impossibilitam a circulação dos tanques, dos «jeeps» e dos homens. A circulação de um exército regular de agressão. Foi assim em Moçambique, no Vietname, no Camboja. É assim no Zimbabwe. Mas os guerrilheiros não têm carros e não precisam de fugir para longe depois de um ataque como acontece com as tropas racistas sempre que nos atacam. Quando a chuva chega os guerrilheiros são como peixe na água. Atacam em todo o lado ao mesmo tempo e o exército não consegue persegui-los ime-

diatamente. Por causa da chuva e das estradas esburacadas.

Antes de Outubro e Novembro Smith vai mover-se outra vez. E em força.

Há outros factos que apontam para isso.

Logo depois do massacre de Nyazonia o regime de Salisbúria emitiu um comunicado em que dizia que tinha atacado «uma base de terroristas em Moçambique». Era a primeira mentira. No dia seguinte o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Inglaterra em Londres, disse que condenada a agressão rodesiana a Moçambique e que não reconhecia a Smith o direito de «Hot Pursuit» (perse-





Crianças carbonizadas

-guição quente) que Smith usa para violar as nossas fronteiras. Nesse mesmo dia o regime rodesiano fez divulgar pela rádio que a Inglaterra tinha apoiado a agressão e que reconhecia o direito de «hot Pursuit». Era a segunda mentira.

A conclusão que se tira é só uma: Smith quer dar a entender aos rodesianos brancos que ele tem o apoio do mundo exterior, do chamado «mundo livre». Para quê? Para convencer os brancos a ficarem na Rodésia a apoiar o seu regime e a sua orgia de sangue e destruição. Mas é cada vez maior o número de brancos que fogem, ou porque têm medo ou porque se sentem incapazes de fazer algo contra o regime.

Smith vê isso; desespera ainda mais; quanto maior o desespero, mais ele tem a necessidade de massacrar inocentes e dizer que atacou guerrilheiros. Por isso dizemos que Smith vai atacar Moçambique outra vez, e outra vez, e outra vez.

É o ciclo vicioso, desumano, inevitável do ponto de vista de um regime racista e fascista que entrou na agonia.

Resta-nos acrescentar mais alguma coisa que ilusora o grau de terror que Smith está pronto a utilizar.

Todo o seu poder político assenta sobre as bases da exploração definida em termos de cor; em termos racistas. Logo toda a sua propaganda assenta sobre o racismo. Ele e todos os seus colaboradores sempre disseram que a guerra no Zimbabwe era uma guerra entre brancos e negros; na propaganda racista os guerrilheiros zimbabwianos aparecem como terroristas que querem matar brancos e mais nada. Muitos brancos acreditaram nisso e ainda acreditam, resultado de uma droga que se chama ideologia fascista e racista. Mas essa propaganda sobre uma luta racial serve um fim específico. Smith quer realmente que os guerrilheiros ataquem brancos indiscriminadamente. É ele que quer isso para quê? Para poder jus-

tificar a sua tese racista? Não, não é só por isso. A razão é principalmente esta: ele quer virar-se para os imperialistas e dizer-lhes: «Vejam como os pretos querem matar brancos. Estão a assassinar brancos como vocês americanos, como vocês ingleses, como vocês alemães e franceses. Venham em nossa ajuda». Ele quer portanto explorar a consciência racial dos imperialistas e através disso trazer o imperialismo abertamente para o seu lado. E para esse fim não se importará de provocar o massacre daqueles que, directa ou indirectamente, o puseram no poder. É essa a derradeira arma de um fascista e de um racista à procura de uma intervenção aberta do imperialismo ao seu lado. Lembremo-nos do que fizeram os racistas e fascistas do colonialismo português. Criaram exércitos seus, paralelos ao exército colonial. Criaram GEs e GEPs que enviaram para o interior para atacar civis brancos para depois dizerem que tinha sido a FRELIMO.